

Volume 1 - Número 14 - Primeiro Semestre de 2013



CONCEPÇÕES AVALIATIVAS DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ALUNOS DE UM COLÉGIO ESTADUAL EM JATAÍ-GO

Eveline Borges Vilela-Ribeiro – Licenciada em Química (UFG), Mestre em Ensino de Ciências (UFG) e Doutoranda em Química (UFG). Professora assistente da Universidade Federal de Goiás.

eveline_vilela@yahoo.com.br

BR 364, km 193, n.3800, CEP 75801-615

Maria Helena de Sousa – Licenciada e Bacharel em Química (UFMT), Mestre e Doutora em Química (USP). É professora adjunta da Universidade Federal de Goiás.

mhelenehs@hotmail.com

CONCEPÇÕES AVALIATIVAS DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ALUNOS DE UM COLÉGIO ESTADUAL EM JATAÍ-GO

RESUMO: A tendência educacional brasileira de democratização do acesso à escola cria algumas contradições na própria educação: todos devem ter acesso, entretanto, não são oferecidas condições de equidade para que os mesmos permaneçam na escola e tirem bom proveito dela. No centro desse processo de democratização à educação está a avaliação, que quando realizada de forma errônea e ainda aliada a uma prática pedagógica desprovida de boa vontade e dedicação leva a uma educação de qualidade aquém da desejada. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é investigar as concepções de alunos e professores de ciências (Matemática, Física, Química e Biologia) de Ensino Médio de um colégio estadual na cidade de Jataí-GO sobre avaliação e perceber como a mesma está presente no cotidiano escolar. No contexto do trabalho percebeu-se que os professores e alunos ainda apresentam uma visão

clássica sobre avaliação e que enfrentam os problemas comumente citados por professores das redes públicas de ensino, que são baixos salários, falta de estrutura e altas cargas horárias. Entretanto, os professores apresentam aceitação das idéias sobre a avaliação reflexiva-crítica, precisando apenas ser estimulados de alguma forma para possuírem uma prática pedagógica crítica.

Palavras chave: avaliação da aprendizagem, concepções, ensino médio, análise qualitativa

ABSTRACT: The brasilian educational trend of democratization of access to school creates some contradictions in own education: everyone should have access, however, not are offered a level playing field, so that they remain in school and take good advantage of it. At the heart of this process of democratization of education is the assessment, when performed erratically and even combined with a pedagogical practice devoid and minimal dedication leads to a poor quality education. The objective of this study is to investigate the ideas of students and science teachers (math, physics, chemistry and biology) in a state college in jatai city of Goiás – Brazil about evaluation and see how it is found in every day school. In the context of the work it was noticed that teachers and students still have a classical view about evaluation and facing the problems commonly cited by teachers in public schools, which are low salaries, lack of infrastructure and high workload. However, teachers have accepted the ideas of reflective assessment, needing only to be stimulated in some way to having a critical pedagogical practice.

Key words: Learning assessment, conceptions about evaluation, qualitative analysis

Introdução

A tendência educacional brasileira de democratização do acesso à escola cria algumas contradições na própria educação: todos devem ter acesso, entretanto, não são oferecidas condições de equidade para que os mesmos permaneçam na escola e tirem bom proveito dela (SPOSITO, 1986). No centro desse processo de democratização à educação está a avaliação, que quando realizada de forma errônea e ainda aliada a uma prática pedagógica desprovida de

boa vontade e dedicação leva a uma educação de qualidade aquém da desejada (VILLAS BOAS, 2005). Libâneo (1990) define a avaliação como:

“um componente do processo de ensino que visa , através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.” (LIBÂNEO, 1990, p.196)

Partindo dessa perspectiva de avaliação, é interessante distinguir avaliação dos exames, que são aqueles que, no contexto atual, realmente fazem parte do cotidiano escolar. (LUCKESI, 2002). Os exames escolares (praticados através de provas) têm como objetivo julgar, e como consequência aprovar ou reprovar, são pontuais (porque as questões devem ser respondidas na hora das provas e depois não são feitas revisões), classificam e selecionam apenas aqueles que mais sabem. Em oposição a isso, a avaliação diagnóstica ao invés de julgar, é processual e dinâmica ao invés de apenas classificar o conhecimento momentâneo, é amorosa e leva em conta a realidade e o contexto que os alunos estão inseridos (LUCKESI, 2005).

Assumindo a postura de avaliar, fica fácil entender os pressupostos que regem a avaliação formativa, que entende a avaliação como um processo contínuo, que tem apenas o ponto de partida e os objetivos traçados inicialmente, mas não possui um ponto de chegada engessado (WACHOWICZ, 2000). Assim, a aprendizagem deve partir do pressuposto que o aluno *ainda* não sabe algumas coisas e que com alguns incentivos passará a saber.

Outra característica importante no ato avaliativo é a identificação do nível de conhecimento dos alunos em relação ao conteúdo estabelecido a fim de caminhar mais eficientemente no processo ensino-aprendizagem (PIMENTEL *et al*, 2004), já que assim o planejamento e o caminhar da disciplina poderão ser feitos de acordo com o nível geral da turma.

Confundindo-se com o ato avaliativo, o que se percebe das práticas predominantes dos professores é um processo de medida do desempenho sob a perspectiva técnica, sendo os resultados representados quase que exclusivamente através de notas ou conceitos (DALBEN,

2002), e isso demonstra apenas um mecanismo de proliferação das relações de classe e poder de nossa sociedade, já que os que têm menos oportunidade de acesso à educação de qualidade continuam sempre à margem do processo.

Tendo em vista esses pressupostos, o objetivo deste trabalho é investigar as concepções de alunos e professores de ciências (Matemática, Física, Química e Biologia) de Ensino Médio de um colégio estadual na cidade de Jataí-GO sobre avaliação e perceber como a mesma está presente no cotidiano escolar.

Metodologia

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada para perceber quais as concepções avaliativas de professores de ciências. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas sob a perspectiva da análise qualitativa (LUDKE, ANDRE, 1986). Foram selecionados quatro professores do Ensino Médio noturno de um colégio estadual em Jataí-GO, cada um de uma área diferente (Química, Física, Matemática, Biologia). Nas transcrições, os professores são denominados B (professor de biologia), F (professor de física), M (professor de matemática) e Q (professor de química) e o pesquisador de P. Os turnos foram numerados nas transcrições com numeração arábica em ordem crescente à medida que as falas são enunciadas.

Com os alunos foi utilizado um questionário estruturado e suas respostas analisadas também sob a perspectiva da análise qualitativa (LUDKE, ANDRE, 1986). O questionário foi aplicado a duas turmas do ensino médio noturno, uma do 1º ano e outra do 2º ano.

Resultados e Discussão

O questionário foi aplicado a 22 alunos do Ensino Médio. A idade dos estudantes pesquisados não é uniforme (Figura 1), sendo percebido também que mais da metade dos alunos já reprovou em alguma série anterior, embora a maioria tenha respondido que gosta de estudar (Figura 2). Aqui pode ser percebida a dicotomia entre o exame e a avaliação, já que o exame é que dá o veredicto de aprovação ou reprovação, e por isso sendo percebida a presença maciça de reprovação entre os alunos.

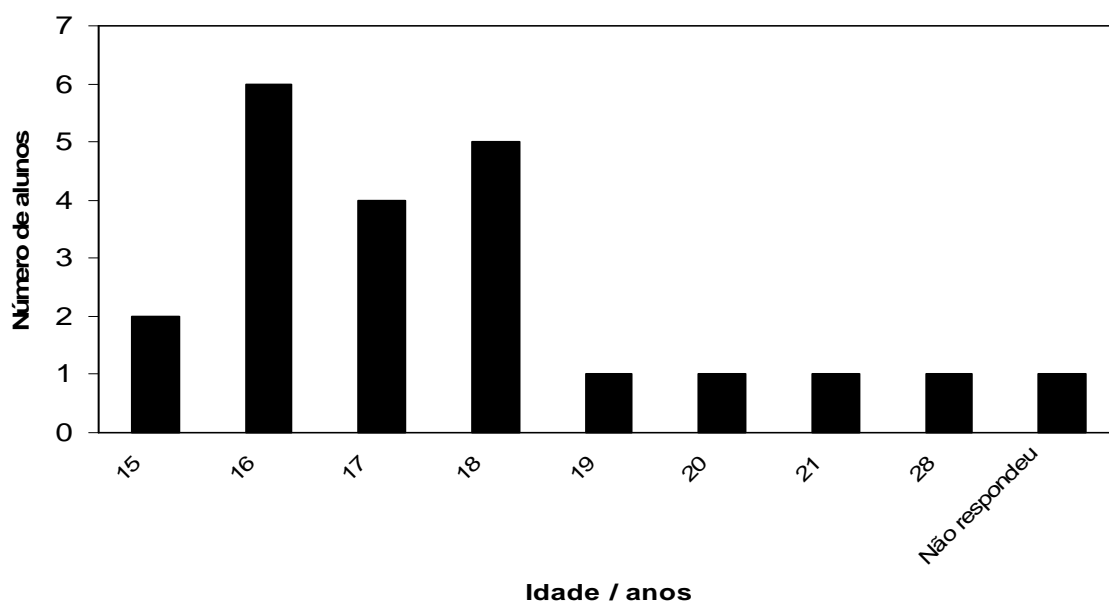


Figura 1 – Idade dos alunos x Número de alunos



Figura 2 – Relação entre o gosto pelo estudo e o número de alunos

Infere-se ainda que os alunos fazem relação entre o estudo e as possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, já que ao serem questionados sobre quais os motivos que os levam a estudar, a maioria respondeu que era obter um emprego ou ter um futuro melhor.

Esse resultado demonstra uma importante característica da educação atual, que é o caráter propedêutico, ou seja, o objetivo da educação é apenas sua etapa posterior, de maneira que ela não tem um fim em si mesma. Assim, os pressupostos da educação de formar para a cidadania se vêem confrontados com essa parcela de alunos, já que nenhum aluno mencionou a importância da educação para formação de opinião e cidadania.

Ao serem questionados sobre a maneira que estudam para as provas, a maioria afirma que estuda utilizando o livro didático adotado pelo professor e as anotações feitas em sala de aula. É interessante perceber que apenas cinco dos 22 alunos procuram outras fontes de estudo, como Internet ou outros livros didáticos. Faz-se inferência que isso acontece pela prática muito difundida entre os professores de retirar questões do próprio livro didático para a realização de “provas”, além de também da característica forte de memorização presente em nossa educação, de maneira que não há necessidade de outras pesquisas, já que o aluno precisa apenas memorizar o que foi dito em sala de aula. Os próprios alunos percebem essa característica de memorização, já que a maioria acredita que “é necessário memorização excessiva para a realização das provas”, além de também acharem que o objetivo principal da realização de avaliações é verificar o quanto aprenderam de determinado conteúdo, no intuito de fornecer uma nota para serem aprovados ou reprovados.

Decorre dessas características acima descritas o fato de o sentimento predominante entre os alunos ao serem avaliados ser o medo e o nervosismo. Ou seja, a avaliação é confundida com prova e traz experiências negativas para o estudante, principalmente por seus resultados não serem utilizados de maneira coerente com uma prática educativa reflexiva, com o professor utilizando do autoritarismo e da punição como meio de controle e disciplina em sala de aula (LUCKESI, 2005). Os estudantes ainda revelam que são avaliados quase que eminentemente por meio de provas escrita e que desconhecem outros tipos de avaliação, como portfólio, júri-simulado, debates, entre outros.

Pela análise dos questionários aplicados aos alunos, percebe-se que a visão que os mesmos têm de avaliação é distorcida do que seria uma avaliação ideal. Para eles avaliação é coincidente com prova, o que não condiz com a definição de avaliação como um objeto utilizado pelo professor para ver se os objetivos traçados para os alunos inicialmente no curso

estão sendo atingidos. Assim, é interessante visualizar no discurso dos professores a maneira como a prática avaliativa é vista a fim de entender o porquê dessas concepções discentes.

Quatro professores foram entrevistados, sendo eles de áreas diferentes (Química, Física, Matemática e Biologia), todos eles são licenciados e têm experiência de mais de quatro anos na educação. A entrevista teve início com questionamento sobre porque essas pessoas escolheram a carreira docente.

A profissão docente é complexa por lidar diretamente com formação de seres humanos e a desvalorização é marca da profissão docente (LELIS, 2001) e geralmente é encarada como uma profissão momentânea até que haja uma profissão melhor e cujo salário seja melhor, assim, essa situação leva a um mau exercício da função docente, inclusive das práticas avaliativas. Dessa maneira, questionar o porquê da escolha de ser professor pode trazer respostas sobre o porquê da prática de exame e não de avaliação.

Ao serem questionados sobre o porquê de terem escolhido ser professor, diferentes respostas foram encontradas:

“2. Q – Ahn... ser professor é muito bonito né... quando a gente ‘tá’ de fora a gente acha muito bonito. Então... acho que foi porque eu sempre tive muita admiração pelo ato de ensinar. Mas é estranho né... porque depois que a gente entra a nossa admiração acaba... (risos).”

“2. F – Ué... na física a gente não tem muita opção né? Ou a gente dá aula ou não faz nada... então resolvi virar professor pra me sustentar e acabei gostando... ‘tô’ aqui até agora e pretendo ficar até aposentar, é gratificante...”

“2. M – A gente pode ser sincero né? Mas não pode escandalizar... simplesmente por falta de opção”.

“**2. B** – Bem... pergunta difícil essa sua né... quando eu escolhi o curso de Ciências Biológicas só tinha na área de licenciatura aqui... então eu já tinha vontade de ser professora, só que da educação infantil, acabei me tornando professor de Ensino Médio e Ensino Fundamental.”.

Ou seja, pelas respostas oferecidas pelos professores, se percebe que há diferentes motivos para a escolha da profissão docente, desde a motivação pela beleza da profissão até a falta de opção. A escolha da carreira docente por falta de opção traz uma série de conseqüências para alunos e próprio professor, como o mau exercício da função e a procura sempre por outra coisa a fazer, de maneira que facilita ser professor por opção e vontade, já que esses dois são bons motivos para querer fazer melhor. Entretanto, apesar de nem todos demonstrarem gostar da profissão, todos os quatro professores pretendem continuar na carreira, já que a mesma oferece estabilidade:

“**3. P** – Mas então, você pretende continuar na carreira?

4. M – Ah! Sim, pretendo sim. Porque embora eu não goste muito e seja muito cansativo, a gente é concursado né... ganha pouco mas pelo menos ganha... morrer de fome a gente não morre. E também tem os meninos né... que precisam de professor...”

Assim, já sabendo o perfil dos professores e a vontade que têm de continuarem sendo professores, foram questionados sobre suas práticas avaliativas. É interessante notar que todos os professores são licenciados e afirmaram que já estudaram algum tópico sobre avaliação em sua formação inicial, entretanto, ao serem questionados sobre o que é avaliação da aprendizagem escolar, alguns professores demonstraram uma concepção de exame (LUCKESI, 2005) e não de avaliação:

“**7. P:** E sobre a avaliação... você já estudou ou leu alguma coisa sobre avaliação?

8. B: Com certeza... quando eu fiz graduação a gente teve uma matéria que estudava isso...

9. P: Ah tá... então... o que você entende por avaliação da aprendizagem escolar?

10. B: Bem... avaliação é um método que utilizamos para medir o conhecimento do aluno e com isso torna-lo apto a série seguinte ou não.”

Pela leitura do turno 10 é possível perceber que o professor percebe a avaliação como uma maneira de aprovar ou reprovar o exame, objetivo este que não está incluído nos objetivos das avaliações. Outro professor (M), embora tenha afirmado anteriormente que é professor por falta de opção, apresentou uma concepção de avaliação que relaciona a avaliação com os objetivos pré-estabelecidos:

“**10. M:** Avaliação? Bem.. avaliação é a forma que a gente tem de verificar se o objetivo da aprendizagem está sendo cumprido. Entendeu? Tipo... Se a gente quer que o aluno saia do 1º ano sabendo as razões trigonométricas, é por meio da avaliação que eu vou saber se ele atingiu esse objetivo... Não só nesse negócio de objetivo de aprender conteúdo, mas de tudo aquilo de saber relacionar o que a gente ensino com o cotidiano dele... Mas vale ressaltar que a gente sempre dá nota e o que a gente tem em termos de notas geralmente não condiz com a realidade na maioria das vezes.. porque pensa só.. eu posso ter um aluno fraco mas que tirou uma ‘notona’ na prova porque colou... aí não adianta nada né....”

A partir daí são percebidos alguns padrões nas enunciações dos professores, que conferem características semelhantes em seus discursos. Nos instrumentos que são utilizados para avaliação, todos os professores disseram que avaliam seus alunos através de diversas formas, com avaliações escritas, debates, apresentação de trabalhos, participação em sala de aula, seminários, e provas orais, visto que avaliar o aluno de diversas maneiras e em vários momentos pode trazer mais informações para avaliar. No entanto, os alunos expressaram que

são avaliados quase que somente através de provas escritas. Ou seja, duas hipóteses são prováveis: a primeira que seria os professores não utilizarem diferentes instrumentos de avaliação, mas disseram usa-los por estarem sendo questionados sobre esse assunto e eles acreditarem realmente que essa maneira seria a melhor forma de avaliar e não fazem por falta de tempo ou outros problemas; a segunda hipótese seria os alunos não considerarem esses outros instrumentos como forma de avaliação e por isso citaram apenas a prova escrita.

Quando questionados sobre o que é feito com os resultados da avaliação, todos os professores afirmaram que é realizado um feedback com os alunos e se necessário é realizada outra avaliação:

“17. P: Então primeiro você avalia seu aluno... Mas e depois? O que você faz com os resultados? Os conteúdos que você percebe que os alunos têm dificuldade... an... você faz uma revisão, retorna no conteúdo?”

18. Q: Pois então... eu corrijo as provas, entrego ‘pros’ alunos e depois disso eu sempre realizo um feedback. Os conteúdos que eu observo ‘pior’ notas dos alunos na avaliação são revisados de forma diferente da anterior.”

Percebe-se que embora anteriormente os professores cite outros instrumentos de avaliação utilizados com os alunos, ao serem questionados sobre o que fazem com os resultados dessas avaliações eles referem-se aos resultados da prova escrita apenas, não considerando os outros instrumentos que disseram utilizar. E ainda afirmam que os procedimentos avaliativos utilizados nesse nível de ensino são muitas vezes arcaicos:

“22. Q: Ah.. são procedimentos muito variados né? A gente utiliza instrumentos bastante arcaicos como só as provas né? Mas utiliza outros bastante modernos, como a avaliação continuada... ora com efetividade, ora sem efetividade.”

Ou seja, o professor de Química atribui uma característica arcaica à prova escrita. Entretanto, a prova escrita tem um papel importante na educação quando feita de maneira coerente, não atribuindo apenas uma nota, mas utilizando os resultados para fornecer subsídios ao professor de como está sua prática pedagógica, verificar se os objetivos estão sendo atingidos. Além disso, o professor acredita que a avaliação continuada é um “método moderno”, entretanto, a avaliação como processo não é um método, mas sim a utilização da avaliação como tentativa de perceber o mais fidedignamente possível como o aluno e sua aprendizagem estão.

O professor de matemática ainda acrescenta que as avaliações são feitas de modo a facilitar à correção para o professor:

“24.M: Bem... geralmente a gente tem grande carga horária né? Assim eu faço minhas avaliações ‘pra’ que elas sejam fáceis de corrigir... A gente tem muito aluno né? Já pensou fazer uma avaliação que eles tenham que escrever muito? Tem que agilizar na hora da gente corrigir...”

Assim, percebe-se que a desvalorização do docente, com conseqüente acúmulo de horas-aula, grande número de alunos em salas de aula, baixos salários, desorganização do ambiente escolar são fatores que acarretam um prejuízo ao discente, visto que os professores se organizam na tentativa de reduzir seu trabalho, e com isso há perda da qualidade final. Eles mesmos salientam que se houvessem melhores condições de trabalho, suas práticas avaliativas seriam repensadas:

“F: Ah... com certeza se eu tivesse poucos alunos em sala de aula, um melhor salário, laboratório... essas coisas que a gente sempre fala que é importante, eu melhoraria muito. Porque o tempo para realizar as metodologias em sala de aula e preparar as avaliações são muito importantes... a gente teria mais tempo e vontade para se dedicar né?”

Com exceção do professor de Física, os outros professores afirmaram não possuir dificuldade para avaliar os alunos:

P: Em relação ainda sobre avaliação dos alunos... Você possui alguma dificuldade para avaliar seu aluno?

Q: Ah... de jeito nenhum... porque a forma que eu avalio eles me traz muita informação né? E quando a gente tem muita informação é fácil a gente perceber o desempenho dos estudantes.”

Considerações finais

A escola como espaço democrático e de socialização deve estar aberta sempre a novas possibilidades, novos olhares e novas práticas e não reproduzir as desigualdades notadas em outros espaços da sociedade. As práticas avaliativas dominantes nas escolas, como as explicitadas pelos professores, demonstram a falência de nosso sistema educativo e a necessidade urgente de mudanças.

Dessa maneira, é importante que a Universidade, como espaço de ensino, pesquisa e extensão, propicie ações que fomentem mudanças nas perspectivas avaliativas dos professores, estimulando programas de formação continuada e parcerias entre as universidades e escolas de ensino básico e médio, sempre visando encontrar alternativas que possibilitem um repensar da prática avaliativa.

No contexto do trabalho percebeu-se que os professores ainda apresentam uma visão clássica sobre avaliação e que enfrentam os problemas comumente citados por professores das redes públicas de ensino, que são baixos salários, falta de estrutura e altas cargas horárias. Entretanto, os professores apresentam aceitação das idéias sobre a avaliação reflexiva, precisando apenas serem estimulados de alguma forma para possuírem uma prática pedagógica crítica.

Referências bibliográficas

- DALBEN, A.I.L.F. Das avaliações exigidas às avaliações necessárias. In: VILLAS BOAS, M.B. *Avaliações: políticas e práticas*. CAMPINAS: Papyrus, 2002. p. 13-45.
- LELIS, I. Profissão docente: uma rede de histórias. *Revista Brasileira de Educação*, n.17, p.40-50, 2001.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. SÃO PAULO: Cortez. 1990. 263p.
- LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem escolar: apontamentos sobre a pedagogia do exame. *Tecnologia educacional*, v.20, n.101, p.82-86, 1991.
- _____. *Avaliação da aprendizagem na escola*. SALVADOR: Malabares. 2005. 115p.
- LUDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.
- PIMENTEL, E.P.; OMAR, N.; MUSTARO, P.N.; FRANÇA, V.F. Um modelo para avaliação e acompanhamento contínuo da aprendizagem. XV SBIE – Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Manaus. 2004.
- SPOSITO, M.P. O ensino superior noturno e a democratização do acesso à universidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v.67, 1986.
- VILLAS BOAS, M.B.F. *Virando a escola do avesso por meio da avaliação*. CAMPINAS: Papyrus, 2005. 144p.
- WACHOWICZ, L.A. A dialética da avaliação da aprendizagem na pedagogia diferenciada. In: CASTANHO, M.E.; CASTANHO, S. (org.), *O que há de novo na educação superior?*, 1ª ed. CAMPINAS: Papyrus, p.95-131, 2000.